

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
JEAN-LUC GODARD, PARA SEMPRE  
17 e 25 de Janeiro de 2023

## JE VOUS SALUE, MARIE / 1985 (*Eu Vos Saúdo, Maria*)

um filme de Jean-Luc Godard

**Realização e Argumento:** Jean-Luc Godard / **Direcção de Fotografia:** Jacques Firmann e Jean-Bernard Menoud / **Música:** Bach, Dvorak, John Coltrane / **Som:** François Musy / **Montagem:** Anne-Marie Miéville / **Interpretação:** Myriem Roussel (Marie), Thierry Rode (Joseph), Philippe Lacoste (o anjo Gabriel), Manon Andersen (a miúda), Malachi Jara Kohan (Jesus), Juliette Binoche (Juliette), etc.

**Produção:** Pégase Films – SSR – JLG Films – Sara Films – Channel 4 / **Cópia:** dcp, cor, legendada em inglês e electronicamente em português / **Estreia em Portugal:** N'Gola, a 9 de Outubro de 1985 / **Primeira exibição na Cinemateca:** Ciclo Jean-Luc Godard, em 1985.

**Precedido de:**

## LE LIVRE DE MARIE / 1985

um filme de Anne-Marie Miéville

**Realização e Argumento:** Anne-Marie Miéville / **Direcção de Fotografia:** Jean-Bernard Menoud, Caroline Champetier, Jacques Firmann, Ivan Niclass / **Música:** Chopin e Mahier / **Som:** François Musy / **Interpretação:** Bruno Crémer (o pai), Aurore Clément (a mãe), Rebecca Hampton (Marie), Copi (o viajante).

**Produção:** Pégase Films – Sara Films – JLG Films / **Cópia:** dcp, cor, legendada em inglês e electronicamente em português / **Estreia em Portugal:** N'Gola, a 9 de Outubro de 1985 / **Primeira exibição na Cinemateca:** Ciclo Jean-Luc Godard, em 1985.

**Duração total da sessão:** 110 minutos

---

Convém começar por explicar a quem nunca tenha visto **Je Vous Salue, Marie** nem esteja familiarizado com ele que a curta-metragem de Anne-Marie Miéville que abre a sessão não é nenhum “complemento” que apareça aqui por acaso ou por capricho. Uma sessão de **Je Vous Salue, Marie** tal como concebida por Godard (e por Miéville) compreende os dois filmes – sempre foram exibidos juntos, inclusive no circuito comercial. Em rigor, portanto, **Je Vous Salue, Marie** não é apenas um filme, mas (um + um) o conjunto formado por **Le Livre de Marie** e pelo filme de Godard.

Relato de um divórcio visto pelos olhos de uma miúda (Marie), **Le Livre...** explora um território bastante comum no cinema de Anne-Marie Miéville, aliás território fronteiro ao que também é recorrentemente percorrido no cinema de Godard (até em **Je Vous Salue...**) – o casal, ou os casais, e as condições do seu equilíbrio ou desequilíbrio. Uma necessidade de “articular” o filme de Miéville com o de Godard leva a que normalmente se veja **Le Livre...** como um prólogo a **Je Vous Salue**, estabelecendo uma continuidade entre a Marie criança de Miéville e a Marie adulta

de Godard. Mas como bem nota Vicki Callahan num curioso (e feminista) ensaio sobre as representações femininas na obra de Godard (publicado em *Forever Godard*, Black Dog Publishing, 2004), “a ligação formal” entre os dois filmes é uma legenda (“en ce temps-là”) que não pressupõe continuidade mas paralelismo. Se sentirmos absoluta necessidade de ligar organicamente os dois filmes é de facto um paralelismo o que mais nos satisfaz: ver em **Le Livre...** uma outra (e enviesada) história da Natividade, espécie de segundo nascimento de uma criança, re-lançada no mundo no momento em que o mundo deixou de ser o que era – a casca parte-se, e a metáfora do ovo permite mais do que uma leitura.

Mas vamos a **Je Vous Salue, Marie**, o mais escandaloso e “infame” filme de Godard. Sem ligar ao escândalo, no entanto (que teve o seu tempo e as suas razões, dificilmente repetíveis). Ou, por outra, reconhecendo a existência de uma vertente “escandalosa” nos pressupostos de Godard (teoricamente, isto é, narrativa e figurativamente) mas recusando qualquer atitude blasfematória da sua parte. Contar a Imaculada Conceção num ambiente contemporâneo e razoavelmente “realista”, filmar a relação (e reacção) de Maria com essa história, com o seu corpo assim alterado, e com o corpo que cresce dentro dela. Contado assim (mas o filme também é “assim”), **Je Vous Salue, Marie** comporta, quase partindo dela, uma inesperada dimensão “burlesca” (como notava João Lopes num texto antigo escrito para a Cinemateca): são as atribulações de um corpo, sacudido entre a plácida normalidade da sua existência e o carácter extraordinário da sua nova condição, e nunca totalmente arrancado à corriqueira mundanidade em que vive (a vida de todos os dias, o basquetebol, ou sobretudo – variação em surdina sobre o tema do casal – a desconfiança e hesitação do namorado Joseph).

Lembramo-nos bastante de **Une Femme est une Femme**, um dos primeiros filmes de Godard (1961). A personagem de Anna Karina atravessava-o com o desejo insistente de engravidar. Há algo dela nesta Marie, bem como de outras personagens femininas do Godard de 60 (e de resto, não seria totalmente exagerado dizer que Myriem Roussel tens alguns ares de Anna Karina), quer na maneira como reivindica a sua feminilidade como primeira instância da sua identidade, quer na maneira como assume a sua condição e reitera um profundo desejo de maternidade. Todo o filme é uma questão de crença – Marie acredita na inusitada forma da sua concepção e a Godard basta que ela acredite – mas talvez o verdadeiro mistério e o verdadeiro fascínio sejam menos uma questão de “forma” e mais uma questão de “facto”. Mistério e fascínio recorrentes em Godard, nos filmes e nos discursos: são as mulheres que “produzem” vida, são as mulheres que “criam”. Como lapidarmente resumiu Jean-Luc Douin num livro sobre o cineasta, “procriar” não é o mesmo que “criar”, e essa falta de equivalência é algo que Godard interrogou muitas vezes. **Je Vous Salue, Marie** é porventura o momento em que tal interrogação (tal contemplação?) foi mais longe. Mais do que com a origem da gravidez de Marie (questão formal que obceca sobretudo as outras personagens, até mais do que a própria Marie), **Je Vous Salue** é um filme fascinado com a sua gravidez (questão de facto, que todos à excepção de Marie se recusam a aceitar). Um filme fascinado com a maternidade. E assim como Marie repete mais do que uma vez que não é o “o corpo que tem uma alma” mas antes “a alma que tem um corpo” ou “alma que se faz corpo”, o filme é menos uma mundanização ou uma profanação da história da verdadeira Maria, repetindo-a com uma rapariga qualquer de um sítio qualquer, do que uma sacralização: é a gravidez, a “criação”, eventualmente de uma rapariga qualquer de um sítio qualquer, tomada como manifestação do sagrado e do mistério do que é sagrado. Diz-se (dizia-se) em português que “todas as mulheres se chamam Maria”. E é o que este filme também diz.

Luís Miguel Oliveira